



AAÇÃO PARABÓLICA DA FAMÍLIA DE JESUS (MC 3.31-35)¹

Parabolic Action of the Family of Jesus

Claiton André Kunz²

RESUMO

Jesus utilizou diferentes métodos de ensino durante o seu ministério. Um deles foi o método das ações parabólicas, nos mesmos moldes das ações simbólicas dos profetas do Antigo Testamento. A presente pesquisa analisa o texto sobre a família de Jesus, de acordo com o relato do evangelista Marcos (3.31-35), dentro da perspectiva de uma ação parabólica, procurando encontrar respostas à questão do significado especial do texto.

Palavras-chave: ação parabólica, Jesus Cristo, família.

ABSTRACT

Jesus used different teaching methods during his ministry. One of these was the method of parabolic actions, in like manner the symbolic actions of the prophets of the Old Testament. This research analyzes the text on the family of Jesus, according to the account of the Evangelist Mark (3.31-35), from the perspective of a parabolic action and seek answers to

¹ Artigo recebido em 8 de outubro de 2013 e aprovado pelo Conselho Editorial, em reunião realizada em 18 de junho de 2014, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Claiton André Kunz (Dr.). O autor é bacharel em teologia pela Faculdade Batista Pioneira – Ijuí/RS, com integralização de curso pela Faculdade Teológica Batista do Paraná – Curitiba/PR, e bacharel em filosofia pela Unijui – Ijuí/RS. É mestre e doutor em teologia pela Escola Superior de Teologia – São Leopoldo/RS. É professor, coordenador acadêmico e diretor da Faculdade Batista Pioneira e professor convidado do programa de Mestrado Profissional em Teologia da Faculdade Teológica Batista do Paraná. E-mail: claiton@batistapioneira.edu.br.

he question of the special meaning of the text.

Keywords: *Parabolic action, Jesus Christ, Family.*

INTRODUÇÃO

O Mestre Jesus, entre suas diversas habilidades, possuía um jeito todo especial de transformar situações embaraçosas em uma boa oportunidade de ensinar seus seguidores e a multidão, que sempre o rodeava. Qualquer circunstância podia tornar-se um ponto de partida para uma lição sobre o Reino de Deus. Seu encontro com a família foi uma dessas circunstâncias, e Jesus não desperdiçou a oportunidade.

1 O TEXTO SOBRE A FAMÍLIA DE JESUS

1.1 Visão geral do texto

O evangelista Marcos relata um episódio interessante, envolvendo Jesus e sua família – ou pelo menos, parte dela. Não temos muitos relatos dos acontecimentos e relacionamentos de Jesus com seu pai, sua mãe e seus irmãos e irmãs³. Os evangelistas são sucintos quanto à maior parte da vida de Jesus, entre o nascimento e o início do ministério. Lucas relata algumas coisas da infância, como a apresentação de Jesus no templo, seu crescimento e o fato ocorrido diante dos mestres da lei, no templo em Jerusalém. Maldonado faz a seguinte descrição sobre a vida religiosa da família de Jesus:

Ela [a família de Jesus] leva a sua fé muito a sério. Apesar de ser uma família pobre, de artesãos, ela faz um esforço especial para participar regularmente do evento mais importante da vida religiosa do seu povo, a Páscoa. ‘Todo ano na festa da Páscoa, os pais iam a Jerusalém’ [Lc 2] (v. 41), não simplesmente para ‘cumprirem sua obrigação religiosa’, mas como uma expressão da sua fé profunda e sincera. Podemos perceber a espiritualidade desta família não só através da sua peregrinação anual a Jerusalém [...] Jesus aprendeu, seguramente, suas primeiras lições acerca da lei e dos profetas em casa⁴.

Já Marcos apresenta a família de Jesus, pela primeira vez, somente depois

³ Posteriormente, serão discutidos os argumentos sobre a questão da existência ou não de irmãos e irmãs de Jesus.

⁴ MALDONADO, Jorge. **Até nas melhores famílias:** a família de Jesus e outras famílias da Bíblia parecidas com as nossas. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 14.

de algum tempo de ministério público do Mestre, inclusive após a escolha dos doze discípulos (Mc 3.13-19). Tal apresentação parece não ser muito generosa e contém um tom de crítica, associada à crítica aos mestres da lei, vindos de Jerusalém, que estavam acusando Jesus (Mc 3.22-30).

Quando os familiares são introduzidos, aparecem ao lado de fora da casa na qual Jesus se encontra, de onde mandam chamá-lo. Rienecker informa que o termo *καλοῦντες*, usado no verso 31, tem a ideia de “chamar; um pedido para uma entrevista”⁵. Para Foulkes, ao comentar o paralelo de Mateus (12.46), a tentativa de “falar com” tem conotação negativa de, pelo menos, chamar a atenção, discutir as finalidades e possíveis perigos de tal ministério. De modo algum traz a conotação positiva de ‘aprender’, como no caso dos que rodeavam o mestre”⁶.

Segundo Robertson, o episódio torna-se uma “imagem patética da mãe e dos irmãos, de pé no exterior da casa, crendo que Jesus, dentro, está fora de si e querendo levá-lo para casa”⁷. Gallardo analisa essa situação de Jesus, em relação à sua família, indicando que ele poderia estar trazendo problemas para ela. Ele comenta:

Sem dúvida o comportamento de Jesus não era condizente com o esperado. Tinha uns trinta anos, e ainda não havia se casado; havia deixado o seu trabalho, sua casa em Nazaré para partir com João Batista, e ainda não havia regressado; chegavam apenas notícias de seus problemas com os fariseus e das ameaças que lhe faziam; e além de tudo essa pretensão de reunificar Israel [...] junto a Doze galileus; preocupavam-se com ele, mas sobretudo com a honra da família⁸.

A família até poderia ter suas razões em estar preocupada com a situação de Jesus. De acordo com Marcos, Jesus já havia tido confrontos com os mestres da lei (na cura de um parálítico, quando declarou o perdão dos seus pecados – Mc 2.5-12), com os fariseus (quando estava na casa de Levi, comendo com publicanos e pecadores – Mc 2.15-17), com fariseus e herodianos (quando restaurou a mão

⁵ RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. **Chave linguística do Novo Testamento grego**. Tradução de Gordon Chown e Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1988, p. 72.

⁶ FOULKES, Ricardo. A família de Jesus. In: **Revista de interpretação bíblica latino-americana**. Quito, v. 27, n. 2, 1997, p. 60.

⁷ ROBERTSON, Archibald Thomas. **Imágenes verbales en el Nuevo Testamento**: Mateo y Marcos. Terrassa (Barcelona): CLIE, 1988, p. 292.

⁸ GALLARDO, Carlos Bravo. **Galileia ano 30: para ler o Evangelho de Marcos**. Tradução de Roberto Tápia Vidal. São Paulo: Paulinas, 1996, p. 44-45.

atrofiada de um homem num dia de sábado – Mc 3.1-6) e novamente com os mestres da lei (vindos de Jerusalém, que diziam inclusive que ele tinha demônio – Mc 3.22-30)⁹.

Dentro desse contexto, Gundry, lançando mão do contexto imediato de Marcos 3.20-21, afirma que existe um paralelo entre a família de Jesus e os escribas vindos de Jerusalém. Enquanto a família afirma que “*Ele está fora de si*” (v. 21), os escribas de Jerusalém afirmam que “*Ele está com um espírito impuro*” (v. 30)¹⁰.

A situação parece não estar muito tranquila para Jesus. Os conceitos a seu respeito estão ligeiramente distorcidos, e nem os seus próprios familiares o compreendem. Como Jesus reagirá a essa interpelação da sua família? Que resposta dará ao pedido deles? Ou ainda, terá ele uma resposta diretamente para eles?

1.2 Delimitação do texto

Podemos delimitar a perícope sobre a família de Jesus, dos versos 31 a 35, a partir dos seguintes elementos:

- a) O primeiro versículo apresenta a chegada de **novos personagens**, não envolvidos na perícope anterior. O texto informa que a mãe e os irmãos de Jesus chegaram e ficaram do lado de fora. Logo são percebidos pelas pessoas que estavam ao redor de Jesus.
- b) Também o **anúncio** que a multidão faz a Jesus, sobre a presença da sua família, denota que um novo tema está em pauta.
- c) A perícope apresenta também um **campo semântico** ao redor do

⁹ MORACHO, Félix. **A família e Jesus de Nazaré**. São Paulo: Paulus, 1994. p. 26. Para Álvarez, a família poderia ter “interiorizado a distorção da imagem pública de Jesus, fabricada pela propaganda oficial de Jerusalém” – cf. ÁLVAREZ, Eliseo Pérez. **Marcos**. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2007, p. 68.

¹⁰ GUNDRY, Robert H. **Mark: a commentary on his apology for the cross**. Grand Rapids: Eerdmans, 1992, p. 177. Gould concorda que existe um paralelo entre as duas perícopes e que a relação lógica pode ser vista na linguagem dos dois grupos – cf. GOULD, Ezra P. **A critical and exegetical commentary on the gospel according to St. Mark**. Edinburg: T. & T. Clark, 1969, p. 60. Pohl reconhece a semelhança entre as falas dos dois grupos, entretanto, afirma que a equiparação está na incredulidade e não na inimizade com Jesus – veja POHL, Adolf. **Evangelho de Marcos**. Tradução de Hans Udo Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998, p. 138.

tema família, por meio das palavras “mãe”, “irmãos” e “irmãs”, que se repetem com frequência no texto¹¹.

- d) O verso 35 pode ser considerado, de acordo com a metodologia apresentada por Cássio Murilo Dias da Silva, uma *ruptura do diálogo*¹². Na ruptura do diálogo, muito frequente em controvérsias, o último a falar é quem define o assunto. Nesse caso, a afirmação de Jesus sobre quem são sua mãe, seus irmãos e suas irmãs é bastante taxativa e conclusiva ao assunto. O termo grego γόφ (pois, portanto) ajuda a enfatizar essa ruptura de diálogo.

A forma como o texto continua, após o verso 35, indica que a perícope atual foi finalizada, e uma nova perícope se inicia, com um novo tema. Isso pode ser percebido pelos seguintes aspectos:

- a) *Mudança de espaço*: enquanto, na perícope em questão, Jesus e os discípulos estão numa casa, no início do capítulo 4, há a mudança para a beira do mar.
- b) *Personagens*: ao mesmo tempo em que os personagens da perícope em questão (mãe e irmãos de Jesus) desaparecem da cena, novamente a multidão passa a ter um papel de destaque. Isso demonstra que uma nova perícope já se inicia em 4.1.

Assim, parece não haver dúvidas de que a perícope relativa ao tema da família de Jesus está circunscrita aos versos 31 a 35 do capítulo 3 do evangelho de Marcos.

1.3 Crítica textual

Em relação ao texto original, a 4ª edição do *The Greek New Testament* traz leituras variantes somente no versículo 32. Aparecem, no aparato crítico, as

¹¹ Na soma, os termos “mãe”, “irmãos” e “irmãs” aparecem 12 vezes nestes cinco versículos.

¹² SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de exegese bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 73.

seguintes informações:

σου καὶ αἱ ἀδελφαὶ σου A D 180 700 1006 1010 1243 / 184 / 292 /
514 (l 1552) Byz^{pt} [E F H] it^{a, b, c, d, f, ff2, q} syr^{hmg} slav^{mss} //
σου (see Mt 12.47; Lk 8.20) ⲁ B C L W Δ Θ f¹ f¹³ 28 33 157 205 565 597
892 1071 1241 1292 1342 1424 1505 Byz^{pt} [G Σ] Lect it^{aur, c, l, r1} vg syr^{s, p, h}
cop^{sa, bo} arm eth geo slav^{mss 13}

Na primeira leitura, conforme se encontra entre colchetes no texto grego do Novo Testamento, aparece a expressão σου καὶ αἱ ἀδελφαὶ σου. A tradução da frase, nesse caso, será: “[teus irmãos] e as tuas irmãs”. A leitura é atestada pelos Unciais A (Alexandrino) e D (Beza), alguns Minúsculos (180 700 1006 1010 1243), alguns poucos lecionários, parte da tradição manuscrita Bizantina e alguns manuscritos da Antiga Latina, uma anotação de margem da Siríaca Heracleana e alguns manuscritos da Eslava Antiga.

Na segunda leitura, o texto não apresenta a referência “às tuas irmãs”, mencionando apenas καὶ οἱ ἀδελφοὶ σου. A leitura é atestada pelos Unciais ⲁ (Sinaítico), B (Vaticano), C (Efraimita), entre outros (L W Δ Θ f¹ f¹³), um número mais expressivo de Minúsculos (28 33 157 205 565 597 892 1071 1241 1292 1342 1424 1505), a maioria dos lecionários, parte da tradição manuscrita Bizantina e alguns manuscritos da Antiga Latina, a Vulgata, alguns manuscritos da Siríaca, Copta (Saídica e Boárica), Armênia, Etiópica, Georgiana e Eslava (alguns manuscritos).

Os editores, embora utilizem o texto καὶ αἱ ἀδελφαὶ σου (ainda que entre colchetes), atribuem a sigla {C}, que significa que a sua originalidade está sujeita a um considerável grau de dúvida. O próprio aparato sugere que se verifiquem os textos paralelos nos Evangelhos Sinóticos, em Mateus 12.47 e Lucas 8.20, que não apresentam a referência “às suas irmãs” nos seus relatos.

A partir do texto de Marcos 6.3, temos o testemunho do evangelista de que, de fato, Jesus tinha irmãs. O texto afirma: “não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão? **E não vivem aqui entre nós suas irmãs?**” E escandalizavam-se nele¹⁴. Para Marcos, não há dúvidas, mas a pergunta

¹³ ALAND, K. et. al. (Eds.). **The Greek New Testament**. 4. ed. Stuttgart: United Bible Societies, 1994, p. 130.

¹⁴ Nesse versículo, o aparato crítico não apresenta nenhuma variante, ou seja, todos os manuscritos confirmam a informação da existência de irmãs de Jesus.

é, se estão presentes nesse episódio do capítulo 3.

É interessante observar que, na própria perícope, nos versos 33 e 34, mencionam-se a mãe e os irmãos, sem fazer nenhuma referência às irmãs. Daí poderíamos concluir que, no verso 32, foi inserida posteriormente a parte que se refere às “suas irmãs”. Já, no verso 35, lemos: “*Portanto, qualquer um que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe*”. Ou seja, o texto faz referência também às irmãs. Entretanto, essa declaração final poderia ser feita normalmente, sem necessariamente as irmãs estarem presentes no episódio.

De fato, é muito difícil atestar a originalidade da expressão, seja por inferência interna do texto ou por testemunho externo dos manuscritos existentes. O que sabemos, com certeza, é que Jesus tinha irmãos (Mc 6.3) e que estas poderiam, portanto, estar envolvidas no episódio relatado pelo evangelista Marcos. Mesmo assim, optaremos, neste caso, em não manter a variante, dado o grau de dúvida quanto à originalidade e também pelo fato de os relatos paralelos omitirem a expressão.

1.4 Tradução do texto

O texto grego de Marcos 3.31-35, segundo o *The Greek New Testament*, é:

Καὶ ἔρχεται ἡ μήτηρ αὐτοῦ καὶ οἱ ἀδελφοὶ αὐτοῦ καὶ ἔξω στή
κοντες ἀπέστειλαν πρὸς αὐτὸν καλοῦντες αὐτόν. καὶ ἐκάθητο
περὶ αὐτὸν ὄχλος, καὶ λέγουσιν αὐτῷ, Ἴδοὺ ἡ μήτηρ σου καὶ
οἱ ἀδελφοὶ σου ἔξω ζητοῦσίν σε. καὶ ἀποκριθεὶς αὐτοῖς λέγει,
Τίς ἐστὶν ἡ μήτηρ μου καὶ οἱ ἀδελφοὶ [μου]; καὶ περιβεβή-
μενος τοὺς περὶ αὐτὸν κύκλῳ καθημένους λέγει, Ἴδε ἡ μήτηρ
μου καὶ οἱ ἀδελφοὶ μου. ὅς [γὰρ] ἂν ποιήσῃ τὸ θέλημα τοῦ
θεοῦ, οὗτος ἀδελφός μου καὶ ἀδελφὴ καὶ μήτηρ ἐστίν¹⁵.

Por questões de espaço, não será possível transcrever aqui toda a análise léxica das palavras do texto. Portanto, será dada apenas a tradução final:

E chegando a sua mãe e seus irmãos e permanecendo do lado de fora, enviaram a ele chamando-o. E uma multidão estava assentada ao redor dele e lhe disseram: ‘Olha, a tua mãe e os teus irmãos [estão] lá fora e te procuram’. E lhes respondeu dizendo: ‘Quem é a minha mãe e os meus irmãos?’ E olhando ao redor, para os que estavam assentados ao seu redor em círculo, disse: ‘Eis a minha mãe e os meus irmãos. Pois aquele que fizer

¹⁵ ALAND, 1994, p. 118.

a vontade de Deus, este é meu irmão, irmã e mãe’.

2 CONTEXTO DA FAMÍLIA DE JESUS

2.1 Contexto histórico e literário

Grande parte dos comentaristas analisa a perícope de Marcos 3.31-35 dentro de uma estrutura literária maior, iniciando no verso 20 até o verso 35. Para Pohl, os versos 20 e 21 servem como uma espécie de introdução aos versos 31 a 35. Nos versos 20-21, os parentes partem de Nazaré e, no verso 31, eles chegam a Cafarnaum. Lá eles tomam o propósito de reintegrar Jesus à família e, aqui, procuram fazê-lo¹⁶.

Entretanto, o evangelista Marcos faz uma interpolação do episódio dos escribas vindos de Jerusalém, nos v. 22-30. Sobre isso, Pohl dá a seguinte explicação:

Evidentemente este encadeamento é um recurso bem pensado por ele [Marcos]. Da mesma maneira ele insere na história da ressurreição da filha de Jairo a cura da mulher com hemorragia (5.21-43). Ele poderia tê-la contado à parte ou deixado de fora. O relato da morte de João Batista está igualmente no meio de um parágrafo sobre Jesus e seus apóstolos (6.6b-32). A história da figueira é interrompida pela purificação do templo (11.12-24), a coptação de Judas como traidor pela unção em Betânia (14.1-11) e, por fim, a negação por Pedro pelo relato do interrogatório (14.53-72). Na maioria destes exemplos a comparação com os outros evangelhos prova que a narrativa podia ser feita diferente. Portanto, com esta disposição do material, Marcos tem um objetivo em vista, lançando uma luz especial com a inserção sobre a história interrompida¹⁷.

Com esta perspectiva de que Marcos faz interpolações também em outros momentos, a perícope dos versos 20 a 35 poderia ser analisada como se formasse uma espécie de sanduíche, podendo ser disposta na forma de um quiasmo¹⁸, como

¹⁶ POHL, 1998, p. 138.

¹⁷ POHL, 1998, p. 138.

¹⁸ GUELICH, Robert A. **Mark 1:1 – 8:26**. Nashville: Thomas Nelson, 1989, p. 171.

segue:

A – Jesus na casa, e a iniciativa da família (20-21).

B – A acusação dos escribas (22).

C – A apologia de Jesus (23-29).

B' – A acusação dos escribas repetida (30).

A' – Chegada dos familiares e declaração do parentesco verdadeiro (31-35).

Bultmann concorda que o texto dos v. 20-21 está relacionado com o texto dos v. 31-35, e afirma que ambos são um apotegma biográfico. Para ele, a parte mais antiga da passagem é o dito sobre aqueles que fazem a vontade de Deus (v. 35), e que o restante da narrativa foi composto para dar forma concreta ao dito, em uma forma simbólica impressionante¹⁹.

Já Collins é da opinião de que a história provavelmente foi preservada e não composta, como propõe Bultmann. Collins afirma isso a partir da constante tensão presente no livro de Marcos, entre fazer a vontade de Deus e os laços familiares, que aparece no livro de Marcos²⁰.

Ainda podemos acrescentar aqui a interessante análise literária de John Painter, que incorpora não apenas os versos 20 e 21, mas o texto desde o verso 13, incluindo aqui a perícopes da escolha dos doze discípulos. Para Painter, há nesta passagem (Mc 3.13-35) quatro grupos sob crítica: os discípulos, a multidão, os escribas de Jerusalém e a família – esta última com menos severidade do que os demais grupos²¹.

2.2 Contexto cultural

Antes de dar sequência à análise da perícopes, será necessário compreender o significado da ideia de “família” na época do Novo Testamento. Em hebraico, o termo בַּיִת (*bayît*), que significa “casa”, também é utilizado para falar daqueles que moram nesse ambiente. Pode indicar tanto um grupo menor (como em Gn

¹⁹ BULTMANN, Rudolf. **The history of the synoptic tradition**. New York: Harper and Row, 1963, p. 29-30.

²⁰ COLLINS, Adela Yarbro. **Mark: a critical and historical commentary on the Bible**. Minneapolis: Fortress, 2007, p. 235.

²¹ PAINTER, John. When is a house not home? Disciples and family in Mark 3.13-35. In: **New Testament Studies**. Cambridge, vol. 45, 1999, p. 498-513. A ideia de Painter será exposta detalhadamente mais adiante.

53.2, quando faz referência à casa de Jacó) ou a descendência de um grupo (como nos textos de Gn 46.27 e Êx 16.31, que fazem referência ao povo hebreu e à casa de Israel). O termo também pode indicar um clã, como em Números 1.2²². Vaux salienta que esse termo é “suficientemente elástico para abranger inclusive o povo inteiro”. Para ele, a unidade que constitui uma família também é expressa no plano religioso²³.

No hebraico, há ainda o termo מִשְׁפָּחָה (*mishpāhā*) que é utilizado para designar família, clã ou parentes. Esse substantivo representa algo mais amplo do que a família. Esse vocábulo é diferente do acima citado, que faz mais referência à casa do pai e seus moradores; ele indica um grupo que possui laços sanguíneos. É mais frequente para fazer a indicação de uma tribo ou nação, como no texto de Josué 7.16-18. Nesse episódio, depois de fazer-se a separação da tribo (*shēbet*), foi separada a família (*mishpāhā*) dos zeraítas e, após isso, a casa (*bêt*) de Zabdi²⁴. Vaux comenta que esse termo é frequentemente confundido com *bayît*, no seu sentido mais abrangente, e destaca que os membros da família “em sentido amplo devem uns aos outros ajuda e proteção”²⁵.

Packer, Tenney e White falam desse grupo, *mishpāhā*, como sendo o clã, o qual poderia ter centenas de homens, que se protegiam uns aos outros²⁶. Gower chama esse grupo de “famílias extensas”. Desse, além de tios, tias, primos e primas, os servos também faziam parte²⁷. Youngblood também faz tal destaque e acrescenta, a esse grupo, os estrangeiros que haviam se juntado à família²⁸. O

²² GOLDBERG, Louis. בַּיִת (*bayît*). In: HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 175-176.

²³ VAUX, R. de. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Teológica, 2003, p. 43.

²⁴ AUSTEL, Hermann J. מִשְׁפָּחָה (*mishpāhā*). In: HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão e Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998, col. 1601-1602.

²⁵ R. de VAUX, 2003, p. 43.

²⁶ PACKER, James I.; TENNEY, Merrill C.; WHITE, William. **Vida cotidiana nos tempos Bíblicos**. Tradução de Luiz Aparecido Caruso. Miami: Vida, 1984, p. 17.

²⁷ GOWER, Ralph. **Usos e costumes dos tempos bíblicos**. Tradução de Neyd Siqueira. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p. 57.

²⁸ YOUNGBLOOD, Ronald F. (Ed.). **Dicionário ilustrado da Bíblia**. Tradução de Lucília Marques Pereira da Silva, Sônia Freire Lula Almeida, Bruno G. Destefani, Hander Heim, Marisa de Siqueira Lopes e Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova,

fato de os membros desse grupo serem solidários entre si é destacado por vários autores. Thiel, por exemplo, mostra que o clã, apesar de possuir o princípio do parentesco, podia ser rompido pela adoção de pessoas não consanguíneas²⁹.

É interessante observar que o Antigo Testamento não tenha uma palavra específica para designar família e, por isso, frequentemente faz uso do termo casa, na forma de *instituição divina*. Mesmo assim, a família está sujeita a questões que dizem respeito tanto a ordenanças como a leis. A família tem sido a base da sociedade de qualquer grupo³⁰.

Já quando observamos a língua grega, percebemos que há duas palavras que são importantes a serem destacadas e diferenciadas, a saber: *oikia* e *oikos*. A primeira tem conexão com o lugar e a segunda, com toda a “casa”, com o que esta possui, inclusive as pessoas nela encontradas. No decorrer da história e após a Septuaginta, tais diferenças deixaram de existir, e os termos vieram a ser empregados de forma sinônima. Os termos *oikos* e *oikia*, na Septuaginta, são os equivalentes a *bayit* e também fazem referência não somente à casa como moradia, mas também à família e clã ou ainda à uma unidade maior³¹.

Para Champlin, embora o termo “família” esteja relacionado a um grupo de pessoas que estejam ligadas por parentesco, a palavra também indica um grupo de pessoas “com um mesmo antepassado”. Metaforicamente, ainda indica um grupo de pessoas ligadas não por razões biológicas³².

Coleman afirma que, no contexto bíblico, a família sempre foi algo importante e valorizado, tendo em vista que dela dependeria a própria sobrevivência da nação de Israel e suas vitórias como povo. Citando Paulo, o autor faz referência ao texto de Gálatas 6.10, quando a descrição de amizade entre os crentes é feita por meio desse termo. Nesse texto, conforme o autor, os crentes são definidos

2004, p. 547.

²⁹ THIEL, Winfried. **A sociedade de Israel na época pré-estatal**. Tradução de Ilson Kayser e Annemarie Höhn. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1993, p. 9.

³⁰ CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. Vol. 2. 5. ed. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 681.

³¹ GOETZMANN J. *Oikos*. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Eds.). **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 285-286.

³² CHAMPLIN, vol. 2, 2001, p. 680.

como “membros da família da fé”³³.

O mesmo autor ainda mostra que, nos lares israelitas, havia os mesmos problemas e dificuldades que existiam em outras culturas, ainda que, em toda a história da Bíblia, a família venha a ser descrita como “bem definida”, “cheia de vida”. Na família de Jesus, os pais se apresentavam ternos e amorosos, ainda que em situações adversas. Foi no primeiro século que a família começou a passar por mudanças, devido à modernidade e às influências gregas e romanas. Nesse período, houve mudanças nos valores tradicionais, tais como: vestimentas, casamentos, práticas religiosas, entre outras áreas³⁴.

Quando falamos em família israelita, precisamos considerar ainda a possibilidade de diversos tipos de famílias. Podemos citar, por exemplo, o *fratriarcado*, no qual, a autoridade era exercida pelo irmão mais velho. Embora essa fosse a forma social reconhecida no meio dos hititas e dos hurritas, há possibilidades de também ser vista no Antigo Testamento, a partir da instituição do levirato. Histórias como as dos filhos de Jacó com Diná (Gn 34), e o papel de Labão para com sua irmã Rebeca (Gn 24) podem ser indicativas de tais indícios³⁵.

O *matrarcado* também era comum nas sociedades primitivas – não com a ideia de que a mãe exerça autoridade, mas em que a determinação do parentesco acontecia por meio dela. Assim, a criança era pertencente ao grupo social da mãe e, por isso, os direitos de herança provinham pela descendência materna. Talvez esta tenha sido a primeira forma de família entre os semitas. Os indícios podem ser vistos em textos como Gênesis 20.10, quando Abraão pede desculpas a Sara por tê-la feito passar por sua irmã, e 2 Samuel 13.13, onde há liberação para Amnon e Tamar se casarem. Esses textos podem indicar que nem sempre existiu a proibição de Levítico 18.9; 20.7 e Deuteronômio 27.22, o que também faz pensar no parentesco determinado pela mãe. Além disso, em alguns casos, era a mãe que escolhia o nome dos filhos.

Para Vaux, todos esses argumentos são insuficientes, e a pré-história de Israel mostra que a família israelita era essencialmente *patriarcal*. Todas as outras possibilidades são exceções³⁶. Quanto à mulher e sua atuação no contexto familiar,

³³ COLEMAN, William L. **Manual dos tempos e costumes bíblicos**. Tradução de Myriam Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1991, p. 30.

³⁴ COLEMAN, 1991, p. 30.

³⁵ VAUX, 2003, p. 40.

³⁶ VAUX, 2003, p. 41-42.

vale destacar o que diz Daniel-Rops: “a mulher era, pois, tão necessária ao homem de Israel como é e sempre foi para os homens de todos os outros períodos e nações”³⁷.

Vaux ainda faz a seguinte definição: “família compõe-se daqueles elementos unidos ao mesmo tempo pela comunidade de sangue e pela comunidade de habitação”³⁸. Essa concepção de família extensa é abordada também por Packer, Tenney e White. Para eles, em alguns momentos, a família era composta por todos aqueles que se mantinham sob um teto em comum, sob a proteção de alguém. E, assim, a família era muito mais do que apenas os que tinham proximidade sanguínea; até os visitantes faziam parte dessa “família”. Tal costume ainda pode ser visto na atualidade, no Oriente Médio, com povos seminômades que, juntos, buscam sobreviver.

Entretanto, é preciso considerar que, em algum momento do Antigo Testamento, tal estrutura familiar sofreu mudanças e quase veio a desaparecer. José, Maria e Jesus são exemplos de que, no período do Novo Testamento, a constituição familiar já havia mudado, quando viajam para fazer o alistamento³⁹. Gower, entretanto, lembra que, quando José e Maria foram para Jerusalém, quando Jesus tinha doze anos (Lc 2.44), parecem ter viajado justamente numa “família extensa”. Naquele episódio, José e Maria mostraram ter um grupo de parentes bem extenso, a ponto de não terem se preocupado com Jesus, quando este não estava ao alcance de seus olhos⁴⁰.

Precisamos considerar ainda que o comprometimento do sistema de valores familiares que existia foi afetado por questões como “comunicações e as facilidades para se viajar”. É nesse contexto que surge Jesus Cristo. Suas novas concepções, nas diversas áreas, entram em conflito até mesmo com os mais liberais. A ênfase de Cristo foi a necessidade de maior tolerância por meio da compreensão ao próximo e um retorno aos valores da família⁴¹.

Assim, o lar dos judeus, no primeiro século, era um local onde havia conflitos, mas a família era a base da sociedade. Ao pai e marido era dispensada

³⁷ DANIEL-ROPS, Henry. **A vida diária nos tempos de Jesus**. Tradução de Neyd Siqueira. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 89

³⁸ VAUX, 2003, p. 42.

³⁹ PACKER; et. al., 1994, p. 16-17.

⁴⁰ GOWER, 2002, p. 57.

⁴¹ COLEMAN, 1991, p. 31.

uma consideração especial. Este era amado e recebia a sincera lealdade dos demais membros⁴². Toda essa consideração ao pai era porque, no meio judaico, havia uma forte associação de “pai” com “Deus”. Nesse sentido, o pai também era visto como alguém justo. Ele tinha a responsabilidade de suprir as necessidades da família, educar os filhos, ensinar um ofício ao menino, ensinar suas convicções religiosas e políticas, ensinar valores sociais, etc. Vale destacar que, nesse primeiro século, ainda que em determinados casos não houvesse um bom relacionamento entre pais e filhos, havia respeito (Êx 20.12; Ef 6.1). Para os casais judeus, era muito importante ter filhos, sendo esperado e desejado um filho homem. Ambos levavam a sério o papel que tinham com a criação dos filhos, como sendo uma forma de obediência ao Senhor⁴³.

Ramos também destaca que a Bíblia mostra o domínio praticamente absoluto do pai no lar, de tal forma, que ele se torna quase sua propriedade particular. Entretanto, era grande a responsabilidade do pai. Ele possuía diversas tarefas, que iam desde a proteção na guerra até a organização do matrimônio⁴⁴. Ainda que a mulher, em casos mais antigos, da época tribal, fosse considerada como uma propriedade do marido, ela era protegida de maus tratos, inclusive pelo clã, pois era membro do grupo⁴⁵.

Os filhos eram instruídos por ambos os pais. A mãe ficava com as crianças nos primeiros anos. Após determinada idade, o menino era encaminhado aos cuidados do pai para aprender um ofício, e a menina ficava com a mãe para ser instruída nas atividades do lar. Além disso, as crianças também tinham seus momentos de brincadeiras e diversão⁴⁶.

De acordo com o papel desempenhado na família, cada indivíduo tinha sua função. A mulher desempenhava papel importante como mãe e esposa. Desde criança, ela era treinada para assumir essa função. Muito do que ela desempenharia também iria depender dela mesma e, em parte, do seu marido. Muitas tinham sua vida ligada ao convívio familiar, embora nada as obrigasse a essa restrição. Devido a essa ligação com a família, as mulheres acabavam tendo grande proximidade com seus filhos. Textos bíblicos revelam que a mulher era tratada de forma diferenciada

⁴² COLEMAN, 1991, p. 31.

⁴³ COLEMAN, 1991, p. 31-34.

⁴⁴ RAMOS, Frederico Pastor. **A família na Bíblia**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 24.

⁴⁵ THIEL, 1992, p. 10.

⁴⁶ COLEMAN, 1991, p. 35-36.

do homem, como, por exemplo, em Números 5.12ss⁴⁷. O papel da mãe era, em primeiro lugar, dar a vida; a maternidade era uma função essencial e não apenas biológica. Era assim uma função “humana”. Nesse sentido, a paternidade era mais social e a maternidade, mais humana⁴⁸.

Os mais chegados, como o caso dos irmãos, eram considerados familiares. Nesse meio, há exemplos tanto de amorosidade, como Tiago e João, bem como de animosidade, como entre Jesus e seus irmãos (Jo 7.5; Mt 13.55). Em geral, as famílias hebreias eram numerosas, sendo ainda que os parentes residiam em locais próximos. A mudança ocorreu com as invasões por impérios. É importante destacar que a família sempre foi algo valoroso na vida do povo hebreu, e que sempre houve a busca pela unidade, mesmo em contextos de tensão e circunstâncias difíceis⁴⁹. Daniel-Rops, enfatizando os tempos antigos, lembra que a família não

era apenas uma entidade social, mas também uma comunidade religiosa, com suas festas particulares, em que o pai era o celebrante enquanto os demais membros participavam. Algumas das importantes cerimônias exigidas na Lei tinham um forte caráter familiar – a Páscoa, por exemplo, tinha de ser celebrada em família⁵⁰.

Com o passar dos anos, as transformações sociais afetaram as famílias, e os grupos não se restringiam apenas aos laços sanguíneos. Passaram a existir aldeias de pessoas, que possuíam um trabalho em comum (1Cr 4.14,23). Assim, deixam de existir as grandes famílias patriarcais, e o indivíduo se distancia do grupo familiar⁵¹. No entanto, é preciso considerar que os textos bíblicos apresentam um grande interesse nos vínculos familiares, como, por exemplo, por meio das genealogias apresentadas (1Cr 1-9, Mt 1.1-14 e Lc 3.21-28). Essas listas são importantes, pois mostram tanto a ascendência dos personagens como seus vínculos com as tradições. Além disso, por meio da família, poder-se-ia saber como era a pessoa⁵².

Ramos também salienta as transformações que ocorreram na concepção bem como na vivência da família nos relatos da história bíblica. Os textos

⁴⁷ COLEMAN, 1991, p. 33-34.

⁴⁸ RAMOS, 1999, p. 25.

⁴⁹ COLEMAN, 1991, p. 37-39.

⁵⁰ DANIEL-ROPS, 1997, p. 81.

⁵¹ VAUX, 2003, p. 44-45.

⁵² RAMOS, 1999, p. 36.

apresentam estruturas que se aproximam das encontradas em culturas mais antigas, assim como nas famílias atuais. Por isso, para Ramos, a família bíblica é “em grande parte reflexo e resultado do grau de progresso e avanço da humanidade em seu conjunto”⁵³. É a partir da avaliação desse progresso, por exemplo, que vemos a diferente concepção que possuíam os romanos sobre família. Para estes, a “própria Roma era vista como uma extensão da família”. Todas as famílias de Roma adoravam juntas a deuses. Os homens mantinham controle e autoridade até morrerem. A família era abordada de forma rígida; no entanto, tal rigidez resultou numa sociedade estável internamente. Fatores como a guerra do primeiro século a.C. causaram efeitos sobre a estrutura familiar, a qual se desfez⁵⁴.

O grande destaque para Ramos é o que ele chama de “processo revelatório”. Esse processo está ligado à mensagem de Cristo no Novo Testamento, pois nela há a definição da família conforme o propósito de Deus⁵⁵. Ainda que, nos dias de Cristo, muitos rigores acima citados já haviam se abrandado, os direitos que o pai possuía eram de dirigente absoluto do lar; por isso, ele era, de fato, chamado de *oikodespotes*, ou seja, tudo ficava sob seu controle⁵⁶.

Em geral, a família dos tempos de Jesus tinha proximidade com as famílias antigas, com exceção no que diz respeito à educação, pois nos tempos de Jesus, as sinagogas e o sistema de educação eram mais elaborados⁵⁷. Ramos vincula a família com a humanização e os ambientes culturais. Por isso, ele vê a família, embora com seus aspectos que percorrem a história, também como uma “realidade histórica” sujeita à evolução. Tal evolução provém da compreensão da revelação⁵⁸. Os autores do livro “*Vida cotidiana nos tempos bíblicos*” salientam que tanto as mudanças culturais como as mudanças de leis não vieram a afetar de forma intensa os costumes familiares. Para eles, ainda que, nos primeiros tempos do Antigo Testamento, os povos eram seminômades, houve a permanência de grande parte desse estilo familiar no período neotestamentário, embora a vida da

⁵³ RAMOS, 1999, p. 13.

⁵⁴ BELL Jr, Albert A. **Explorando o mundo do Novo Testamento**: um guia mostrando o mundo dos dias de Jesus e dos primeiros cristãos. Tradução de João A. de Souza Filho. Belo Horizonte: Atos, 2001. p. 203-205.

⁵⁵ RAMOS, 1999, p. 13.

⁵⁶ DANIEL-ROPS, 1997, p. 87.

⁵⁷ CHAMPLIN, vol. 2, 2001, p. 681.

⁵⁸ RAMOS, 1999, p. 37-38.

família tenha sofrido mudanças no decorrer da história⁵⁹.

3 ANÁLISE DO TEXTO DA FAMÍLIA DE JESUS

O evangelista Marcos relata que, em dado momento, quando Jesus se encontrava com muita gente ao seu redor, numa casa, chegaram a sua mãe e os seus irmãos. Embora os textos bíblicos não esclareçam muito sobre o período da infância e juventude de Jesus, é provável que tenha convivido quase trinta anos com sua mãe e seus irmãos (mais novos que ele). Foulkes lembra que, como Jesus não era casado, teria ficado na casa com sua mãe quase quinze a mais do que a maioria dos jovens homens da época, trabalhando lado a lado com ela. Na perspectiva humana, provavelmente, conheciam-se muito bem⁶⁰.

Chama a atenção que, em nenhum momento na perícope, que repete em cada um dos cinco versículos o conjunto de termos “mãe/irmãos”, o pai seja mencionado. Para Álvarez, as razões de Marcos omitir José são desconhecidas: ele poderia estar morto, Maria poderia ser mais proeminente (como no caso de Priscila e Áquila, em Atos 18), ou porque Marcos tinha pouquíssimo ou nenhum interesse na história da família de Jesus, inclusive omitindo seu nascimento e infância⁶¹.

Foulkes, escrevendo sobre o paralelo de Mateus (12.46-50), menciona que é provável que José já tivesse morrido, pois Mateus havia citado José de forma proeminente nos capítulos 1 e 2, e agora o pai simplesmente desaparece. No relato de Mateus,

José é o responsável legal da criança, que legou a esta sua própria genealogia (1.1-17) e lhe pôs o nome de Jesus (1.25). Na visita dos magos (2.1-12), na fuga para o Egito (2.13-18) e na volta a Nazaré (2.19-23), José continua como protagonista e lhe é concedido o privilégio de ter sonhos e aparições reveladores. Depois do capítulo 2, porém, nada! Apenas de forma indireta em 13.35 se pergunta retoricamente pelo filho do carpinteiro⁶².

O mesmo autor observa ainda que, em Marcos 6.3, Jesus é mencionado

⁵⁹ PACKER; et. al., 1984, p. 7-8.

⁶⁰ FOULKES, 1997, p. 63-64.

⁶¹ ÁLVAREZ, 2007, p. 38-39.

⁶² FOULKES, 1997, p. 63.

como o carpinteiro, e não o seu pai, José⁶³. Isso mostra que é possível que Marcos queira omitir intencionalmente a presença de José. Entretanto, qual seria a razão dessa possível omissão?

Anderson lança algumas perguntas, embora não chegue a uma conclusão final sobre o assunto: José já estava morto nessa época? Sua omissão é intencional por razões dogmáticas, para proteger o nascimento virginal? Ou o termo Pai é reservado exclusivamente para Deus? Ou Marcos está polemizando contra a comunidade de Jerusalém, para a qual, José nada representa (e, por isso, não é mencionado)⁶⁴?

É perfeitamente possível que José já tivesse morrido, mas não temos como comprovar esse fato. Também é possível que Marcos tenha tido em mente a família escatológica, na qual, Deus e não qualquer outro ser humano é considerado o verdadeiro pai. Por outro lado, é muito duvidoso que o nascimento virginal esteja em vista nesse ponto⁶⁵.

France também concorda que Marcos não dá nenhuma pista de uma tradição sobre a concepção virginal de Jesus. Com isso, a existência de irmãos do Mestre, nessa perícopes, não causa nenhuma surpresa aos leitores do evangelista Marcos⁶⁶. Sobre tal existência, geralmente são apresentadas duas alternativas, para que se possa preservar a virgindade perpétua de Maria: um casamento anterior de José, no qual, teria tido filhos que seriam meio-irmãos de Jesus, ou então que os supostos irmãos seriam, na verdade, “primos” de Jesus⁶⁷.

Sobre a primeira hipótese, Joel Marcus afirma que não existem evidências independentes para comprovar um casamento anterior de José⁶⁸. Portanto, é extremamente complicado argumentar no silêncio, procurando defender essa

⁶³ FOULKES, 1997, p. 63.

⁶⁴ ANDERSON, Hugh. **The Gospel of Mark**. Grand Rapids: Eerdmans; London: Marshall, Morgan & Scoth, 1994, p. 214

⁶⁵ MARCUS, Joel. **Mark 1 – 8: a new translation with introduction and commentary**. New Haven and London: Yale University Press, 2000, p. 277.

⁶⁶ FRANCE, R. T. **The gospel of Mark: a commentary on the Greek text**. Grand Rapids: Eerdmans, 2002, p. 179.

⁶⁷ Sugerimos a leitura do seguinte artigo sobre este tema, mostrando alguns dos argumentos a favor da não existência de irmãos de Jesus: TERRA, João Evangelista Martins. Os irmãos de Jesus. In: **Revista de cultura bíblica**. V. 17, n. 65, 1993, p. 86-89.

⁶⁸ MARCUS, 2000, p. 276.

hipótese.

Sobre a segunda hipótese, de que os irmãos seriam, na verdade, primos, os proponentes argumentam que não existe, no hebraico, uma palavra específica para primos e que, quando era necessário referir-se a esse conceito, usava-se a mesma palavra utilizada para irmãos. Joel Marcus, entretanto, afirma que esse recurso é usado somente uma vez no Antigo Testamento, em 1 Crônicas 23.22, em cujo contexto o sentido da palavra fica elucidado. No entanto, em Marcos 3.31-35, não há nenhuma evidência de que essa situação esteja na mente do evangelista. Esse autor informa ainda que o grego possui uma palavra exata e sem ambiguidades para expressar a ideia de “primo”, ou seja, *ὄνεψιός* (cf. Cl 4.10), e que esta poderia ser perfeitamente utilizada aqui, se o evangelista quisesse transmitir essa ideia⁶⁹.

Champlin também enumera alguns argumentos sobre o sentido literal do termo *irmãos* nessa passagem:

- a) Das quinze vezes em que os irmãos são mencionados no Novo Testamento (dez nos evangelhos, uma em Atos e as outras nos escritos de Paulo), quase sempre estão na companhia de Maria, mãe de Jesus. Para Champlin, é estranho que eles estejam quase sempre na companhia da “tia” (Maria), em vez de andarem em companhia de sua própria família.
- b) Em nenhum momento das Escrituras é indicado que eles fossem primos de Jesus ou filhos somente de José e não de Maria.
- c) As Escrituras afirmam que os seus irmãos não tiveram fé em Jesus senão somente após a ressurreição (Jo 7.5 e At 1.14).
- d) Se a virgindade perpétua de Maria, que resultaria na não existência de irmãos de Jesus, fosse intencionada pelos evangelistas, haveria ao menos alguma afirmação bíblica direta nesse sentido⁷⁰.

Hendriksen complementa, afirmando que várias passagens (como, por exemplo, Mt 12.46-47; Mc 6.3; Lc 8.19,20; Jo 2.12; 7.3,5,10; At 1.14) tratam com muita naturalidade dos irmãos e irmãs de Jesus, como pertencendo a uma única família. Lembra ainda que Lucas 2.7 apresenta Jesus como o primogênito e que, na visão de Mateus 1.25, José e Maria, após o nascimento de Jesus, passaram a

⁶⁹ MARCUS, 2000, p. 276.

⁷⁰ CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. Vol. 1. São Paulo: Hagnos, 2002, p. 396.

ter uma relação normal de casamento, e tiveram outros filhos, irmãos e irmãs de Jesus, cujos nomes se encontram em Marcos 6.3 e Mateus 13.55s⁷¹.

Sobre as irmãs, que não são mencionadas no relato de Marcos, Foulkes argumenta que sabemos da existência delas somente a partir de Marcos 6.3 e Mateus 13.56, e que “sua anonimidade é típica do tratamento literário das mulheres no século I”. Afirmar ainda que “talvez o silêncio reflita o fato de que as irmãs nunca fizeram parte da igreja”⁷².

Esses membros da família de Jesus, que vieram à casa onde ele se encontrava, são apresentados como “permanecendo do lado de fora” (v. 31). Na opinião de Gundry, essa expressão significa que *literalmente* eles estavam do “lado de fora da casa” e que *teologicamente* “eles não pertenciam ao círculo dos seguidores de Jesus” (cf. 4.10-12)⁷³. Por trás dessa circunstância, existe uma interessante ironia, observada por Marcus: os parentes que haviam dito, no verso 21, que Jesus estava “fora” de si (do seu juízo normal), são agora revelados como sendo os que verdadeiramente estão “do lado de fora”; assim, tornam-se um paralelo aos oponentes de Jesus que, no capítulo 4, serão chamados de “os de fora” (4.11)⁷⁴.

Sua família está de fora, enquanto uma multidão (ὄχλος) estava assentada ao seu redor. Se lembrarmos que Jesus estava no interior de uma casa, que obviamente não era muito grande, não devemos imaginar aqui uma multidão de centenas ou milhares de pessoas. Pohl informa que o termo grego ὄχλος denota “primeiro um grande número de pessoas que se movimentam desordenadamente ou estão paradas numa aglomeração densa, o que não diz nada sobre sua quantidade”⁷⁵.

Independentemente da quantidade de pessoas, o que se diz delas é que estavam “assentadas ao redor dele” (v. 32). Estar assentado “aos pés” é a posição de um discípulo ansioso por aprender. Pohl afirma que “em um círculo, o ponto mais importante não está na sua linha, mas no centro que determina cada ponto da linha, fazendo com que o círculo exista. Este ponto, no caso (v. 34), não é uma

⁷¹ HENDRIKSEN, William. **New Testament commentary: the gospel of Mark**. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1976, p. 140.

⁷² FOULKES, 1997, p. 62.

⁷³ GUNDRY, 1992, p. 177.

⁷⁴ MARCUS, 2000, p. 285.

⁷⁵ POHL, 1998, p. 145-146.

coisa, uma missão, um livro ou um ensino, mas o próprio Jesus Cristo⁷⁶.

Nesse momento, a família, que está do lado de fora, manda avisar sua presença a Jesus, e alguns da aglomeração transmitem o aviso: *“Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e te procuram”* (v. 32). O verbo grego ζητέω significa, em termos gerais, “procurar algo sem saber onde poderia estar”. Aqui outra possibilidade também é plausível: “buscar ansiosamente encontrar algo de que se está separado, ou até pedir algo, exigir”⁷⁷.

Jesus é, portanto, interrompido enquanto ensinava aos que estavam aos seus pés, mas ele aproveita a interrupção e a usa em seu favor. Hendriksen alista algumas situações semelhantes, nas quais Jesus utiliza justamente a interrupção para ensinar: enquanto estava pregando (1.35), enquanto estava se dirigindo a uma multidão (2.1ss), enquanto estava dormindo no barco (4.37ss), enquanto estava conversando com seus discípulos (8.31ss) ou enquanto estava saindo de uma cidade (10.46ss). Jesus sabe perfeitamente como transformar uma interrupção em uma ponte para fazer uma importante declaração ou para um ato dramático de ensino⁷⁸.

No texto analisado, Jesus perguntou, então: *“Quem é minha mãe, e quem são meus irmãos?”* (v. 33). Poderíamos pensar que Jesus tenha sido aqui demasiadamente rude com a sua mãe. Todavia, por outro lado, como argumenta Schniewind, podemos observar a atitude de Maria como sendo rude em relação a Jesus (v. 31), mandando chamá-lo, ou até a palavra dela e dos irmãos, assumindo que ele estava fora de si (v. 21), o que se aproxima da blasfêmia dos escribas (v. 22)⁷⁹.

A resposta a essa pergunta retórica de Jesus virá em forma de uma ação parabólica, com a qual ele redefinirá o conceito de família e também de discipulado. Uma interrupção transformada em oportunidade de ensino, bem ao estilo de outras situações semelhantes ocorridas com o Mestre.

Antes de passar para a síntese da perícope e para o exame do sentido da ação parabólica, precisamos ainda agregar o pensamento de Painter sobre o contexto dessa perícope. Para esse autor, embora haja uma crítica também à

⁷⁶ POHL, 1998, p. 147.

⁷⁷ POHL, 1998, p. 146.

⁷⁸ HENDRIKSEN, 1998, p. 141.

⁷⁹ SCHNIEWIND, Julius. **O evangelho segundo Marcos**. Tradução de Ilson Kayser. São Bento do Sul: União Cristã, 1989. p. 62.

família, ela é a menos severa de um conjunto de quatro críticas que aparecem nesses textos em sequência: aos discípulos, à multidão, aos escribas de Jerusalém e à família (v. 13-35).

A análise de Painter parte de uma observação sobre um possível erro de interpretação na primeira parte do “sanduíche” (v. 20-21) sobre o tema da família de Jesus. A esmagadora maioria dos comentaristas assume que os versos 20 e 21 tratam da família de Jesus e que precisam ser analisados como uma introdução aos versos 31 a 35, pois, caso contrário, a família seria introduzida muito abruptamente, sem uma preparação adequada⁸⁰.

Painter, entretanto, afirma que não existe nenhuma indicação direta e segura sobre a família nos versos 20 e 21. A expressão οἱ παρ’ αὐτοῦ (“os ao lado de ele” – v. 21) é insuficiente para referir-se à família de Jesus e, além dessa expressão, nada relaciona os dois versos aos familiares, que até ali ainda não haviam sido mencionados por Marcos. Outra observação interessante é que o verbo ἔλεγον (“diziam”) pode ter como sujeito (terceira pessoa do plural) as pessoas que fazem parte da aglomeração. Assim, Painter conclui que foram os discípulos (“os seus”) que saíram para tomar (reter, segurar, tomar em custódia, arrastar, etc.) a Jesus, porque ouviam que as “pessoas” (da multidão) “diziam” (ἔλεγον) que ele estava fora de si. Conclui ainda que os versos 20 e 21 não são uma introdução aos versos 31 a 35, e sim uma ponte entre a perícope da escolha dos doze (v. 13-19) e a perícope dos escribas enviados de Jerusalém (v. 22-30). Nessa transição, haveria uma crítica tanto aos discípulos (que não compreenderam o Mestre corretamente), como também à multidão (que considerava que Jesus estava fora de si). Painter afirma ainda que essa multidão, dos versos 20 e 21, não é a mesma que está assentada aos pés de Jesus, nos versos 31 a 35, o que pode ser visto pela postura extremamente diferente em relação a Jesus. Disso tudo, Painter conclui que Marcos alinha a crítica a quatro diferentes grupos: aos discípulos, à multidão, aos escribas de Jerusalém e à família. Entretanto, para Painter, a crítica de Jesus à sua família não é tão severa quanto aos outros três grupos⁸¹. Mesmo assim, ele não afirma, em seu artigo, que não haja crítica à família, mas deixa claro

⁸⁰ PAINTER, 1999, p. 503.

⁸¹ PAINTER, 1999, p. 498-513.

que ela não é tão rude quanto alguns procuram argumentar.

4 SÍNTESE DO TEXTO DA FAMÍLIA DE JESUS

A perícopes sobre a família de Jesus pode ser considerada uma ação parabólica. Pohl chama o episódio de um “gesto simbólico marcante”⁸². Marcus fala do “simbolismo da narrativa”⁸³. Guelich afirma que Jesus responde à sua própria pergunta com sua ação e suas palavras e, mais adiante, chama o ato de uma “ilustração concreta”⁸⁴. Já Hendriksen fala do “desempenho de um ato admirável”⁸⁵.

Essa identificação do texto como ação parabólica pode ser vista também pelos seguintes critérios⁸⁶:

a) **Estilo**: essa ação parabólica apresenta uma mescla de *narrativa* e *diálogo*. Há um relato inicial, apresentando a situação, e, em seguida, uma interação entre os personagens apresentados. A narrativa pode ser vista nos versos 31, 32a e 34a. O diálogo pode ser visto nos versos 32b, 33, 34b e 35.

b) **Pessoa gramatical**: a partir da divisão em narrativa e diálogo, percebemos que, na ação parabólica, a terceira pessoa é predominante na narrativa, e a interação entre primeira e segunda pessoa é apresentada no diálogo. Embora isso seja um tanto óbvio, é um aspecto característico da ação parabólica. Na parte narrativa, em apenas três versículos, o pronome pessoal de terceira pessoa, αὐτός, aparece sete vezes, e dez vezes os verbos estão em terceira pessoa. Já no diálogo, os pronomes de primeira e segunda pessoa aparecem oito vezes.

c) **Tempo verbal**: na parte narrativa da ação parabólica, como se devia esperar, aparecem principalmente tempos no passado; mas chama a atenção a quantidade de verbos no tempo *aoristo*. Na parte dos diálogos, o tempo presente é predominante.

d) **Tipos de frase**: como é característico das ações parabólicas,

⁸² POHL, 1998, p. 147.

⁸³ MARCUS, 2000, p. 286.

⁸⁴ GUELICH, 1989, p. 182.

⁸⁵ HENDRIKSEN, 1976, p. 141.

⁸⁶ Cf. KUNZ, Claiton André. **Ações parabólicas**: uma análise do ensino de Jesus através de suas ações. São Leopoldo: EST; Sinodal. 2007.

normalmente aparece uma *pergunta retórica* e/ou uma *sentença declarativa*. Nessa perícopes, aparecem ambas: “*quem é a minha mãe e os meus irmãos?*” (pergunta retórica – v. 33) e “*eis a minha mãe e os meus irmãos. Pois aquele que fizer a vontade de Deus, este é meu irmão, irmã e mãe*” (sentença declarativa – v. 34b,35).

e) **Semântica**: a semântica sempre se relaciona a cada relato de ação parabólica, mas pode-se perceber a presença de verbos que denotam movimento, especialmente na parte narrativa, como, por exemplo, ἔρχομαι, ἀποστέλλω, κἀθιμαί, περιβλέπω, e outros. A conjunção καί também é muito frequente na parte narrativa das ações parabólicas. Nesse texto de apenas cinco versículos, ela aparece 13 vezes; essa conjunção ajuda na estrutura interna da narrativa da ação e dá ideia de movimento.

f) **Metaníveis**: segundo Stählin, as ações parabólicas têm mais de uma função, o que faz parte da essência da ação parabólica⁸⁷. É justamente esse o ponto central da questão em estudo, ou seja, a descoberta do significado especial do texto. A pergunta é: qual o sentido dessa ação de Jesus? Quando ele pergunta sobre sua mãe e seus irmãos e olha para os que estão ao seu redor, o que ele pretende com essa ação?

Jesus aproveita a chegada daqueles que ainda não se achavam entre os seus discípulos para ensinar uma importante lição. A comunhão de natureza dentro da família divina “ocorre através do nascimento espiritual, e não através da descendência natural”⁸⁸. Para Bortolini, “para ser da família de Jesus, não basta ter o sangue dele correndo nas veias [...] isso é totalmente dispensável. Pelo contrário, é preciso estar ‘dentro’ da casa, aprendendo com ele”⁸⁹.

Quando Jesus afirma “*eis minha mãe e meus irmãos*”, declara que os seus discípulos tornam-se sua verdadeira família. Para Mulholland, “essa família não é limitada aos doze, pois inclui aqueles que estão ‘ao redor dele’”. E ainda mais,

⁸⁷ STÄHLIN, G. Die Gleichnishandlungen Jesu. In: *KOSMOS und Ekklesia*: Festschrift fuer Wilhelm Staehlin zu seinem siebzigsten Geburtstag. 24/09/1953. Tradução de Heinz Dietrich Wendland. Kassel: Johannes Stauda Verlag, 1953. p. 18.

⁸⁸ CHAMPLIN, vol. 1, 2001, p. 685.

⁸⁹ BORTOLINI, José. **O evangelho de Marcos**: para uma catequese com adultos. São Paulo: Paulus, 2003, p. 81. Mateos e Camacho também concordam que a verdadeira união com Jesus “não se faz pela comunidade de sangue ou raça, mas pelo comum interesse pelo bem da humanidade” (MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. **Marcos**: texto e comentário. São Paulo: Paulus, 1998, p. 125).

Jesus convida outros para serem parte de sua família ao acrescentar: ‘qualquer que...’⁹⁰. Para Schweizer, essa passagem mostra, em grau sem precedentes, que a “graça de Deus é derramada sobre os que estão na presença de Jesus: onde Jesus está, existe salvação”⁹¹.

É claro que a natureza generosa da declaração de Jesus inclui o fato de que os que ele considera como sua família não alcançaram ainda o auge da perfeição espiritual. Os doze escolhidos, por exemplo, mesmo tendo andado com ele durante muito tempo, ainda foram considerados “*homens de pequena fé*” um pouco mais adiante (4.40). Mesmo assim, Jesus chama-os de irmãos. Quando Jesus afirma “aquele que...” significa que pretos e brancos, vermelhos, marrons e amarelos, homens e mulheres, velhos e jovens, ricos e pobres, presos e livres, cultos e iletrados, judeus e gentios, todos podem ser incluídos na sua graça⁹². France lembra que a inclusão de καὶ ἄδελφί, no verso 35, é um “exemplo interessante de deliberada linguagem inclusiva”, já que, na narrativa e no diálogo, somente a mãe e os irmãos tinham sido incluídos⁹³.

Jesus chama a todos de seus irmãos, irmãs e mãe. Em determinados momentos, o Novo Testamento trata de Jesus como sendo o irmão. Ele é o irmão primogênito quanto à ressurreição (Rm 8.29). Como Rei e Juiz, ele fala dos seus pequeninos irmãos (Mt 25.40). Hebreus também fala que ele não se envergonha de chamar os seus de irmãos (Hb 2.11ss). No entanto, Schniewind chama a atenção para o fato de que, em nenhum momento no Novo Testamento, alguém ousa dirigir-se a Jesus como “meu irmão”. Pelo contrário, o Filho primogênito de Deus é capaz de tornar os seus em filhos de Deus (Mt 5.9,45)⁹⁴.

Antes de surgir qualquer ideia de inclusividade ilimitada é preciso salientar que existe uma cláusula condicional no verso 35. “*Aquele que fizer a vontade de Deus*” introduz a resposta à pergunta do próprio Mestre. Em vez de incluir todos aqueles que estão “ao seu redor” (v. 32), essa resposta parece limitar aqueles que são qualificados como família de Jesus àqueles que ouvem (v. 32,34) e

⁹⁰ MULHOLLAND, Dewey M. **Marcos**: introdução e comentário. Tradução de Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Vida Nova, [199-], p. 76.

⁹¹ SCHWEIZER, Eduard. **The Good news according to Mark**. Atlanta: John Konx Press, 1970, p. 87.

⁹² HENDRIKSEN, 1976, p. 142.

⁹³ FRANCE, 2002, p. 180.

⁹⁴ SCHNIEWIND, 1989, p. 63.

fazem a vontade de Deus (v. 35). Essa é uma maneira de suavizar o contraste entre a família natural de Jesus e aqueles que ele identificou como sua família, abrindo a possibilidade de que sua família natural viesse a ser, de fato, seus irmãos, irmãs e mãe, fazendo a vontade de Deus⁹⁵, como de fato aconteceu posteriormente (cf. At 1.14).

No Novo Testamento, fazer a vontade de Deus parece ser um sinônimo de ser cristão (Rm 12.2; Hb 13.21; 1 Pe 4.2; 1 Jo 2.17, etc.). Entretanto, os religiosos judeus também falavam da vontade de Deus, orgulhando-se de sabê-la e mostrá-la aos outros (Rm 2.17-18). A diferença deles em relação a Jesus é justamente sobre o que é a vontade de Deus. Um exemplo dessa diferença pode ser visto no próprio capítulo 3 de Marcos, quando os fariseus queriam matar Jesus, enquanto este estava fazendo justamente a vontade de Deus (v. 4-6).

Anderson argumenta que a frase “a vontade de Deus” é uma expressão paulina (Rm 1.10; 12.2; etc.).⁹⁶ Hendriksen, entretanto, afirma que não é somente uma doutrina paulina, mas que é definitivamente um ensino de Cristo. De acordo com esse ensino, precisamos enfatizar, porém, que ninguém é capaz de “fazer a vontade de Deus” por si só, a não ser somente pelo poder e pela graça soberana de Deus⁹⁷.

Essa nova família do povo de Deus, na qual os seguidores de Jesus são introduzidos, é muito mais significativa do que a família natural. France lembra que, no capítulo 10 de Marcos, Jesus afirma que aquele que o seguir receberá, já nesta terra, cem vezes mais (ἐκατονταπλασίονα, v. 30)⁹⁸.

Neste ponto, precisamos salientar ainda que o propósito de Jesus não é menosprezar seus familiares, mas demonstrar, pelo contraste claramente evidenciado pela ação parabólica, o significado do verdadeiro laço familiar. Assim, Jesus começa a preparar os seus ouvintes para o discipulado radical, que irá apresentar mais adiante (10.29-31)⁹⁹. Nessa ocasião, falará inclusive de deixar casa, irmãos, irmãs, mãe, pai, filhos, etc., por amor a ele e ao evangelho. Precisa ficar claro, entretanto, que a separação da família somente pode vir a ser uma

⁹⁵ GUELICH, 1989, p. 183.

⁹⁶ ANDERSON, 1994, p. 125.

⁹⁷ HENDRIKSEN, 1976, p. 143.

⁹⁸ R. T. FRANCE, 2002, p. 178.

⁹⁹ Dewey M. MULHOLLAND, [199_]. p. 76.

consequência do discipulado, mas nunca uma condição para ele¹⁰⁰.

Jesus não tratou ninguém com falta de amor, nem mesmo os seus inimigos. Muito menos iria fazê-lo com seus irmãos e com sua mãe. A mesma oferta, feita a todos que estavam ao seu redor, foi feita também àqueles com quem dividia os laços sanguíneos¹⁰¹.

REFERÊNCIAS

- ALAND, K. et. al. (Ed.). **The Greek New Testament**. 4. ed. Stuttgart: United Bible Societies. 1994;
- ÁLVAREZ, Eliseo Pérez. **Marcos**. Minneapolis: Augsburg Fortress, 2007. 154 p.;
- ANDERSON, Hugh. **The Gospel of Mark**. (Série: The new century bible commentary). Grand Rapids: Eerdmans; London: Marshall, Morgan & Scoth, 1994. 366 p.;
- AUSTEL, Hermann J. מִשְׁפָּחָה (*mishpāhā*). In: HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão e Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 1601-1602;
- BELL Jr, Albert A. **Explorando o mundo do Novo Testamento: um guia mostrando o mundo dos dias de Jesus e dos primeiros cristãos**. Tradução de João A. de Souza Filho. Belo Horizonte: Atos, 2001;
- BORTOLINI, José. **O evangelho de Marcos: para uma catequese com adultos**. (Série: Bíblia e cotidiano). São Paulo: Paulus, 2003. 278 p.;
- BULTMANN, Rudolf. **The history of the synoptic tradition**. New York: Harper and Row, 1963;
- CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia**. 5. ed. São Paulo: Hagnos, 2001;
- CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. Vol. 1. São Paulo: Hagnos, 2002;
- COLEMAN, William L. **Manual dos tempos e costumes bíblicos**. Tradução de Myriam Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1991. 360 p.;
- COLLINS, Adela Yarbro. **Mark: a critical and historical commentary on the Bible**. Minneapolis: Fortress, 2007. 894 p.;
- DANIEL-ROPS, Henry. **A vida diária nos tempos de Jesus**. Tradução de Neyd Siqueira. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1997. 322 p.;
- FOULKES, Ricardo. A família de Jesus. In: **Revista de interpretação bíblica latino americana**. Quito, v. 27, n 2, 1997. p. 56-66;
- FRANCE, R. T. **The gospel of Mark: a commentary on the Greek text**. Grand Rapids: Eerdmans, 2002;
- GALLARDO, Carlos Bravo. **Galileia ano 30: para ler o Evangelho de Marcos**. Tradução de Roberto Tápia Vidal. São Paulo: Paulinas, 1996;
- GOETZMANN J. Oikos. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin (Eds.). **Dicionário**

¹⁰⁰ Robert GUELICH, 1989. p. 184.

¹⁰¹ Adolf POHL, 1998. p. 148.

- internacional de teologia do Novo Testamento.** Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 285-286;
- GOLDBERG, Louis. **בַּיִת** (*bayit*). In: HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 175-176;
 - GOULD, Ezra P. A critical and exegetical commentary on the gospel according to St. Mark. Edinburg: T. & T. Clark, 1969. 317 p.;
 - GOWER, Ralph. **Usos e costumes dos tempos bíblicos.** Tradução de Neyd Siqueira. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 393 p.;
 - GUELICH, Robert A. **Mark 1:1 – 8:26.** (World biblical commentary). Nashville: Thomas Nelson, 1989. 454 p.;
 - GUNDRY, Robert H. **Mark: a commentary on his apology for the cross.** Grand Rapids: Eerdmans, 1992. 1069 p.;
 - HENDRIKSEN, William. **New Testament commentary: the gospel of Mark.** Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1976. 700 p.;
 - KUNZ, Claiton André. **Ações parabólicas: uma análise do ensino de Jesus através de suas ações.** São Leopoldo: EST; Sinodal, 2007. 83 p.;
 - MALDONADO, Jorge. **Até nas melhores famílias: a família de Jesus e outras famílias da Bíblia parecidas com as nossas.** Petrópolis: Vozes, 1998. 134 p.;
 - MARCUS, Joel. **Mark 1 – 8: a new translation with introduction and commentary.** New Haven and London: Yale University Press, 2000;
 - MATEOS, Juan; CAMACHO, Fernando. **Marcos: texto e comentário.** São Paulo: Paulus, 1998. 390 p. (Série: Comentários Bíblicos);
 - MORACHO, Félix. **A família e Jesus de Nazaré.** São Paulo: Paulus, 1994. 101 p.;
 - MULHOLLAND, Dewey M. **Marcos: introdução e comentário.** Tradução de Maria Judith Prado Menga. São Paulo: Vida Nova, [199-]. 240 p.;
 - PACKER, James I.; TENNEY, Merrill C.; WHITE, William. **Vida cotidiana nos tempos Bíblicos.** Tradução de Luiz Aparecido Caruso. Miami: Vida, 1984;
 - PAINTER, John. When is a house not home? Disciples and family in Mark 3.13-35. In: **New Testament Studies.** Cambridge, v. 45, 1999. p. 498-513;
 - POHL, Adolf. **Evangelho de Marcos.** Tradução de Hans Udo Fuchs. Curitiba: Esperança, 1998. 467 p. (Comentário Esperança);
 - RAMOS, Frederico Pastor. **A família na Bíblia.** Petrópolis: Vozes, 1999. 155 p.;
 - RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. **Chave linguística do Novo Testamento grego.** Tradução de Gordon Chown e Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1988. 639 p.;
 - ROBERTSON, Archibald Thomas. **Imágenes verbales en el Nuevo Testamento: Mateo y Marcos.** Vol. 1. Terrassa (Barcelona): CLIE, 1988. 416 p.;
 - SCHNIEWIND, Julius. **O evangelho segundo Marcos.** Tradução de Ilson Kayser. São Bento do Sul: União Cristã, 1989. 247 p.;
 - SCHWEIZER, Eduard. **The Good news according to Mark.** Atlanta: John Konx Press, c1970. 395 p.;
 - SILVA, Cássio Murilo Dias da. **Metodologia de exegese bíblica.** São Paulo: Paulinas, 2000. 515 p.;
 - STÄHLIN, G. Die Gleichnishaendlungen Jesu. In: **KOSMOS und Ekklesia: Festchrift fuer Wilhelm Staehlin zu seinem siebzigsten Geburtstag.** 24/09/1953. Tradução de Heinz Dietrich Wendland. Kassel: Johannes Stauda Verlag, 1953. 277 p.;
 - TERRA, João Evangelista Martins. Os irmãos de Jesus. In: **Revista de cultura bíblica.** V. 17, n. 65, 1993, p. 86-89;
 - THIEL, Winfried. **A sociedade de Israel na época pré-estatal.** Tradução de Ilson Kayser

-
- e Annemarie Höhn. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Paulinas, 1993;
- VAUX, R. de. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Teológica, 2003. 624 p.;
 - YOUNGBLOOD, Ronald F. (Ed.). **Dicionário ilustrado da Bíblia**. Tradução de Lucília Marques Pereira da Silva, Sônia Freire Lula Almeida, Bruno G. Destefani, Hander Heim, Marisa de Siqueira Lopes e Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2004.